

Noticiário

O 4.º aniversário da falecimento do prof. Sarmiento Leite

Prestadas expressivas homenagens á sua memória — Inauguração de mausoléu — Os discursos proferidos

Transcorreu, no dia 24 de Abril p.p., o 4.º aniversário do falecimento do professor Sarmiento Leite, cujo nome se acha ligado ao ensino médico no Rio Grande do Sul.

Foram prestadas por êsse motivo grandes homenagens á memória daquele mestre, promovidas por antigos alunos do ilustre extinto, professores, sociedades científicas e Centro de Academico de Medicina Sarmiento Leite.

Todos os átos se revestiram de grande solenidade.

Missas

Pela manhã, na capela do Senhor dos Passos, perante grande assistência de exmas. famílias e de cavalheiros, foram celebradas missas pela alma do Professor Sarmiento Leite em todos os altares daquele antigo templo.

Entre os presentes, figuravam elementos destacados da medicina local e membros da mesa administrativa da Santa Casa.

Terminado o áto, todos os presentes renovaram á exma. família Sarmiento Leite os seus sentimentos de pesar.

Inauguração de mausoléu

Pela manhã houve ainda outra cerimonia, constante de romaria á sepultura do saudoso mestre da medicina riograndense.

Compareceram ao cemiterio da Santa Casa o diretor, professores, alunos da Faculdade de Medicina, e amigos, na presença dos quais se procedeu á inauguração do mausoleo mandado construir por amigos e admiradores do extinto.

A Irmandade da Santa Casa, associando-se a essa homenagem, bem como tendo em vista os relevantes serviços prestados pelo professor Sarmiento Leite a essa entidade, cedeu o respectivo terreno, para a ereção do mausoleo.

Fala o professor Tomaz Mariante

“Prof. Sarmento Leite.

Saldam, hoje, os teus alunos e amigos uma dívida de gratidão. Por iniciativa e esforços de um dos teus alunos mais diletos, o prof. Eliseu Paglioli, foi erigido este monumento em que sepousas.

Não será, porém, este marmore frio, no qual a alma do artista procurou esculpir os sentimentos que nos animam, a verdadeira homenagem que mereces, será, apenas, um símbolo, pois, a maxima recompensa aos teus esforços estará em nós mesmos, na conduta professoral dos que foram teus alunos e que são agora os continuadores da tua obra magnifica.

Foste um mestre sábio, sereno e bondoso.

Era eu ainda uma criança quando te conheci e desde essa época fiquei teu amigo. Lembro-me, entre as mais gratas recordações da minha meninice, as visitas que fazia ao teu lar, em busca da tua ciência e da tua arte, para os meus que sofriam.

Lembro-me, eras ainda moço e já respeitavel e bom. Tuas mãos, já afeitas a dissecar o corpo humano, nas horas de descanso, empunhavam, dextros, o martelo e o formão e, como o pai do meigo Nazareno, trabalhavas no humilde, mas honroso officio de carpinteiro.

Tinhas o prazer dos simples e dos puros, o prazer do trabalho. E esta simplicidade foi sempre o traço marcante de tua personalidade.

Do teu lar fizeste a razão de ser da tua vida e, ao assumires a cátedra, tranferiste para esta os teus sentimentos paternais e por isto foste sempre justo.

Impunhas o bem com o teu exemplo, perene lição de amor ao trabalho e de cumprimento do dever, de civismo e de honestidade. Nunca foste violento e por isto sempre foste respeitado, obedecido e estimado. As posições públicas nunca te atraíram e nunca te foram motivo de orgulho, antes causas de aflições e de sacrificios. Ao teu labor fecundo nunca foram óbices á inelencencia do tempo, o sofrimento ou a desgraça. Quantas e quantas vezes não te viamos, de cabeça envolta no teu clássico lenço, curtindo as dôres de uma cruel enxaqueca, caminhares tranquilo para a tua Faculdade, sob as lufadas cortantes do minuano ou sob as rajadas de uma chuva inelenciente.

E seguias...

E, quando a morte bateu á tua porta e arrancou de teus braços os teus entes queridos, carne da tua carne, sangue do teu sangue, sereno como um santo, não te revoltaste contra a vontade Divina e, grande, admiravel de coragem e de estoicismo perseveraste no teu trabalho, sublimado a tua dôr na resignação e derramando o teu afêto de pai por sôbre os teus alunos, a tua segunda familia.

Mais uma vez ensinaste — ensinaste a ser homem.

Quando esta Faculdade ensaiava os seus primeiros passos na estrada de sua vida gloriosa, com teus companheiros de trabalho, gigantes como tu na integridade de carater e no sentimento da responsabilidade, soubeste afrontar a ira dos poderosos em defesa daquella que seria a tua filha diletta.

Foram homens, homens de que nos devemos orgulhar de descender, homens cujo exemplo devemos imitar, os que lutaram para que esta Escola sobrevivesse e para que nós pudessemos usufruir o fruto de seus esforços. Batiam-se por um ideal e por isso venceram. Bem-dita terra que tais filhos teve.

Passaste, então, a viver a tua nova família e a tua filha adotiva passou a ser o teu sonho doirado. Para ela foram o resto dos teus dias, para ela todas as tuas horas, para ela todo o teu descanso, para ela toda a tua vida.

Lutaste, sofreste, tiveste a ventura de ver os teus esforços premiados. A tua filha dileta, cuja meninice acalentaste, cuja adolescência guiaste, tornou-se senhora formosa, rica de prendas e de dotes, ativa e honesta, admirada por todos e por todos elogiada. E, quando o Governo da República, num ato da mais pura justiça, houve por bem oficializá-la, nada mais fez do que confirmar o que, na opinião de todos já era uma realidade.

A Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre já era uma Faculdade Oficial, porque já era uma Faculdade padrão — padrão de trabalho, padrão de cultura, padrão de moralidade.

Mestre e amigo, descansa em paz no seio do Senhor, que nós, que fomos teus alunos e teus amigos, não te esqueceremos, não abandonaremos a tua filha dileta, prometemos, também, adotá-la como filha nossa muito amada, para que continue digna, ativa e gloriosa como tu a fizeste.

Descansa, amigo, que nós velaremos por ela.

Disse”.

Palavras do Professor Ygartua

Seguiu-se com a palavra o professor Florencio Ygartua, que, em nome da Sociedade de Medicina, disse a seguinte oração:

“Trago, meus senhores, a homenagem da Sociedade de Medicina ao nosso querido e sempre lembrado mestre Sarmento Leite, que foi um batalhador incansável, símbolo duma época, legítimo apóstolo do bem e do caráter e, como poucos, um cientista emérito.

A classe medica, a juventude estudiosa do Rio Grande e o povo em geral, continuam a verter lagrimas de dôr e de saudade pelo desaparecimento dessa personalidade de escôl.

Deste tûmulo sagrado, que guarda, em suas entranhas nos sem-fins da eternidade, uma reliquia preciosa, que todos nós veneramos e, hoje já reduzida a matéria que o tempo destrõe, emerge, para todos nós, inundando pela saudade, um raio cheio de luz e repleto de verdade scientifica.

A ereção dêste monumento, é um justo preito, pela devida iniciativa de todos os que admiravam e veneravam ao mestre inolvidável e, muito principalmente, graças ao esforço e dedicação de Eliseu Paggioli — aluno predileto e continuador exemplar, que não descansou enquanto não viu a obra realizada.

Sôbre a lapide dêste sepulcro, se tem depositado, assim, as la-

grimas sentidas de quantos conheceram Sarmiento Leite, da esposa amantíssima, de seus filhos, dos seus amigos e de seus colégas.

Lágrimas de dôr e de veneração á magestosa figura daquele que ao termo de longa vida, aqui teve o repouso eterno.

Lágrimas que banham de saudade as nossas almas e os nossos corações.

As lágrimas, que aqui caíram e se infiltraram por esta terra abençoada, cristalisam uma aureola, ao homem sábio, bom e um dos maiores batalhadores pela grandêsa das nossas instituições e da nossa gente.

Sarmiento Leite amou a família, amou a terra e a gente do Rio Grande e do Brasil, amou a nossa classe, amou a juventude estudiosa e viveu os seus melhores dias, consagrando todas as suas energias e infinito amor pela grandeza e pelo prestígio da Faculdade de Medicina.

E, para levá-la á culminância do nome privilegiado, que desfruta nos meios científicos do país e do estrangeiro foi o pioneiro infatigável, pai espiritual, pedra angular da nossa Escola, a qual se ergue magnífica e soberba e, hoje, recolhe, ávara e orgulhosa, o fruto de uma tradição de verdadeira ciência, pois, foi Sarmiento Leite que arrou o sulco profundo e lançou a semente, que germinou, desenvolveu e frutificou em todo o seu esplendor.

O caminho que, em vida, êle percorreu, foi árduo e escabroso, cheio de espinhos e contratempos, porém, com desvelo e perseverança venceu.

As pedras ásperas e rígidas, que encontrou na dureza do caminho percorrido, não foram obstáculos suficientes para o deterem nessa trajetória magnífica e sempre ascendente de belas conquistas e úteis realizações.

Subiu a montanha da vida sempre de cabeça erguida, sem favores, jámais se acolhendo á sombra duvidosa e enganadora do prestígio dos outros homens.

Se, ás vezes, em meio da rota, se deteve e inclinou a sua frente, foi para meditar e recuperar novas energias para um novo dia, que havia de surgir, glorificado pela nova tempera, ao serviço de um grande coração, atento e triunfador. Ouve-se, ainda, no silencio das nossas salas de aula, nos anfiteatros, salões de reuniões científicas e atos solenes, onde tantas vezes se ouviu sua palavra prestigiosa e especialmente naquêlo ambiente frio do necrotério, em que realizou as sábias lições de anatomia, para as gerações que foram seus discípulos, o éco daquela voz de verdadeiro mestre, regorgitante de conhecimentos profundos da especialidade, a que se dedicára.

Nêste monumento de granito e bronze, fala, pois, em toda sua plenitude, realçada nas suas linhas sobrias, o vulto do homem invulgar que conseguiu reunir todas as qualidades e predicados próprios dos grandes cientistas.

Granito e bronze que hão de perpetuar a sua magestosa personalidade.

E a proteção que irradia dêste magnifico busto de bronze, quan-

do batido e acariciado pelo vento que sopra e pelas próprias fúrias dos temporais, diante dos quais ficará imóvel e sereno, será um prolongamento da obra de Sarmento Leite, que deixou entre os seus contemporaneos uma aureóla de luz e de saber.

Este não será entretanto, um monumento frio e puramente artístico, como tantos existem pelo mundo afóra e que nada valem e significam: não, êle representará como todos o percebeis, uma chama ardente de verdade científica e de verdadeiro e consagrado amor para aqueles que o conheceram com a sua grandeza de carater com o seu saber e em meio de suas grandes realizações, que foram outros tantos triunfos úteis e fecundos.

Sarmento Leite, para usar da frase de Alberto Palcos, diante do monumento ao grande patriota Alberdi: a maneira das árvores seculares, rijas e fortes, cresce com novo vigor. Sim, porque a sua memória cada dia mais se agigantará e servirá de exemplo, para as gerações vindouras e perdurará como uma das maiores glórias de nossa classe.

Sarmento Leite, tu que foste um paladino incansavel e grande defensor de todos os nossos direitos, e foste, sobretudo, um predestinado, um legitimo ídolo da nossa Faculdade; descança em paz no sono eterno e bendito, tu que passaste pela vida sem regatear sacrificios pelo bem dos teus semelhantes e cumpriste a mais sagrada missão perante Deus, a familia e a Sociedade, erguendo-te em holocausto pela grandeza da Patria; e sempre será recordado, em um mixto de admiração e de saudade, como o testemunham, neste áto, os teus amigos e os teus discipulos e os teus colégas

Disse”.

Discurso pronunciado pelo Dr. Rubens Maciel

Há quatro anos, — e ao dizê-lo surpreende que já possam ser tantos, — há quatro anos, calada e triste, uma multidão subia lentamente a encosta dêste cemitério. Médicos de todas as partes e de todas as turmas; velhos e moços, estudantes e mestres; corações curtidos de desenganos e corações palpitantes de esperança; cabeças cheias de ciência e cabeças cheias de sonhos; — centenas de médicos subiam lentamente, conduzindo á sua última morada o corpo inanimado de Sarmento Leite.

Êle fôra, em vida, a alma da nossa Escola. Como todos nós, deve ter tido os seus sonhos de poder e de glória; mas êsses sonhos mirraram, faltos de calor e de espaço, porque no seu coração, aparte o afêto á familia e aos amigos, não cabia outro amor que o amor da sua escola.

Conheceu-a pobre, humilde e sem amparo, e deixou-a oficializada, rica e poderosa. Conheceu-a na modestia de um porão do liceu e deixou-a no esplendor do edificio da Várzea. Por éla sacrificou bem-estar, fama e fortuna. Consultorio, hospitais, enfermarias, foram portas que a sua dedicação a êle próprio ía fechando; e, à medida que a sua existência pendia para o ocaso, mais se apegava á Escola, mais

se dedicava com ela. Vivia dos seus triunfos, e sangrava com suas feridas. Por ela afrontou a ira fêrvida dos poderosos e a indiferença morna dos descrentes. Por ela suportou ofensas, ingratidões e desganhos. Teria, sido outra sua vida: mais cômoda, mais brilhante, possivelmente mais longa, si pensasse mais nêle e menos na Faculdade. Mas amava-a e, por amá-la sacrificava-se por ela. Formavam um corpo só e, ao conhecê-los, como eu os conheci: ela pujante, com a fachada rebrilhando ao sol, com suas salas cada dia mais cheias e mais ricas — e êle, alquebrado e trôpego, cada dia mais curvado para a terra que ía em breve recebê-lo, — tinha-se a impressão de uma parasita vicejando sôbre um velho tronco; era como si Sarmento Leite sustentasse a Faculdade com a seiva já escassa da sua carne e com o calor quasi arrefecido do seu sangue.

Sabiam-no aquêla centena de médicos. Por isso, havia lágrimas em suas faces. Por isso se elevava de cada coração uma letania sentida de dôr e de saudade, enquanto a multidão subia lentamente a encosta dêste cemiterio.

Hoje, quatro anos são passados. Hoje, já é possível julgar com serenidade a vida e a figura veneranda do Mestre. Somos de novo os seus alunos. Reunidos em torno do monumento com que se quer reverenciar a sua memória, voltemos os olhos para o passado: aprendamos com o velho Sarmento o maior dos seus ensinamentos — Vinte anos diretor! Vinte anos de luta, de sacrificio, de amargura, de decepção. Vinte anos também de realização, de triunfo, de conquista e de afirmação! Para que?

Que visava êste lutador, cuja grandeza moral se agiganta com o tempo? Que pretendia êste homem, que para si não pretendia nada? Em que pensava êste cérebro para assim esquecer-se de si mesmo?

Seu alvo, sua pretensão, seu assunto, seria o engrandecimento material da sua Escola? Grandes salas, anfiteatros magestosos, aparelhagem complicada e cara: seriam êstas as razões de ser daquêla vida

Não o creio. Aos olhos do velho Sarmento, as salas humildes do porão e o edificio alteroso da Várzea não passavam de roupagens sob as quais se ocultava o seu ideal de Escola. Não creio que um homem, e menos um homem como êle, sacrificasse toda a sua vida por uns metros quadrados de terreno, por uma porção mais de cimento ou de pedra.

A pedra, o cimento, o terreno, o aparelho complicado e caro, tudo isso é necessario; mas tudo isso são meios para chegar a um fim.

O ideal a que o velho Sarmento ofertou prazeroso a sua vida, foi o ideal de sua Faculdade onde se compreendesse e se ensinasse Medicina. Uma Faculdade onde o trabalho de cada um visasse o progresso de todos, onde houvesse autoridade sem violencia, respeito sem temor, liberdade sem licenciosidade, franqueza sem grosseria, intimidade sem irreverência. Uma Faculdade onde a preparação do aluno fôsse a razão de ser da atividade dos mestres. Uma Faculdade rica

ou pobre, pouco importa, mas digna, honesta, respeitavel e respeitada, que, apontando para os seus diplomados, pudesse dizer como a mãe dos Gracos, que a sua riqueza estava em seus filhos.

Por êste ideal de desinteresse, de serenidade, de harmonia e de trabalho, sacrificou o velho Sarmento a sua vida. Hoje, é sôbre os atuais catedráticos, sôbre os assistentes e livre-docentes, em nome de quem falo, e sôbre os alunos que recai a responsabilidade de continuar a sua obra.

Que não tenha sido estéril o seu sacrifício! Esquecidas as desconfianças, as malquerenças, as rivalidades, trabalhem todos para realizar o seu ideal. Que a Escola do velho Sarmento dê médicos cada vez mais capazes e cada vez mais humanos; que viva em cada um de nós o espírito de renúncia e de idealismo que iluminaram tão belamente a sua vida; — e que eu não minta fazendo-lhe ésta promessa:

Velho Sarmento, descansa. O teu sonho será realidade. A tua Escola se manterá sempre digna do teu nome. Rica ou pobre, poderosa ou humilde, éla guardará sempre o exemplo de heroísmo, de dignidade e de nobreza que tu lhe dêste. E, aonde quer que a levem os ventos hoje incertos da fortuna, achará sempre um recanto onde se ajoelhe, para evocar, reverente, a tua memória.

Disse".

Discurso do doutorando A. Antonáci Rabelo

Meus senhores,

Na época conturbada em que vivemos, na qual a vaidade campeia, a mediocridade triunfa, e a egolatria é a nova bíblia da Humanidade; num momento em que o choque de interesses faz despertar a besta humana que dormita em nós; em que vivemos a hora presente, empenhados no terra-a-terra da luta quotidiana, quasi a desprezarmos o culto ao passado, o preito á virtude, é um refrigério para o espírito assistir-se a êste espetáculo que se nos depara, de uma coletividade unica pela mesma idéia, enlaçada pelo sentimento comum de tributar ésta homenagem á memória de um carater. Sim, porque Sarmento Leite, acima de professor eminente, além de médico insigne, mais que administrador proficiente, deixou impressa sua trajetória luminosa sôbre a terra pela mais marcante de todas as virtudes: aquelas inerentes a um verdadeiro carater.

Carater, no sentido de vontade perseverante em direção a uma rota traçada; carater, no conceito de vida dedicada toda éla a fins nobres; carater, sob o ponto de vista do saber pairar acima dos acontecimentos, das paixões, das criaturas e, sobretudo, de si mesmo.

Suas obras e suas ações fazem parte do acervo de culto á memória que lhe tributamos, e nos acompanharão em quanto palpitar em nós uma centelha de vida.

Com relação ao Homem, a morte não é apenas um desequilíbrio químico de superfície, é mais que isso: é o desfecho glorioso ou inglório de uma vida, é a última página do livro de uma existência. E é difícil, como queria o poeta tão nosso conhecido, "Saber morrer o que viver não soube"...

A arte da vida é, em última análise, a arte de bem morrer ou, mais explicitamente, a arte de preparar-se para bem morrer.

Sarmento Leite deve ter morrido satisfeito. Ao olhar para traz, ao perpassar-lhe pelos olhos moribundos, em tropel, as realizações de toda sua vida, êle devia ter tido um sorriso bom que era como que o prêmio de sua consciência tranquila: "Aspirára sempre sem nunca renunciar"... E, se naquela manhã de Abril, lavada de sol, em que o trouxemos nos braços até sua última morada, êle nos pudesse ver; se lhe fosse dado assistir ao acabrunhamento que nos invadia a alma, ou se permitido lhe fosse ouvir as lamentações que subiam aos ares, êle teria compreendido que não fôra vã sua vida, que a semente que espalhára não caíra em solo sáfaro, que ainda valia a pena viver para o próximo...

Meus senhores,

Como vêdes, nada de novo tenho a dizer-vos sôbre êste homem, cujo túmulo pela quarta vez defrontamos para ver, hoje, objetivado em massa de granito o preito da nossa veneração. Tudo isso é do vosso conhecimento. Perdoai, pois ao mais humilde representante dos seus últimos alunos se êle não pode conter a onda das recordações que burbulham á tona da sua memória. Êle pertence ao quadro clínico dos emotivos, dos "arrierés" que ainda vivem pelo sentimento, em choque constante com a onda de utilitarismo que invade o mundo. E' o último abencerragem de uma época que passou. Perdoai-lhe os extravasamentos...

E tu, transeunte solitário, que has de vir a éstas paragens trazer o culto da tua lembrança na oferenda de um punhado de flôres, se o acaso te conduzir ao local silencioso em que êste pedestal de amor se eleva, retarda os passos, e, erguendo o pensamento para aquêle que se foi, deixa cair em seu túmulo a pétala anônima da tua saudade...

Agradecimento da Família Sarmento Leite

Depois dos discursos pronunciados, falou o dr. Sarmento Leite Filho, que em nome da família do Extinto professor, disse o seguinte:

"E' como que um símbolo, na sobriedade de suas linhas arquitetônicas, êste mausoléo, que ora inaugurais em memória de Sarmento Leite: símbolo da simplicidade da vida austera de meu pai!

Sôbre a lápide funerea, que encobre seus preciosos despójos, há de ficar gravada para todo o sempre a lembrança inapagavel de uma vida, que se imolou por tantas vidas...

Tudo nêste mundo passa: desaparecem as nações, desmoronam-se os troncos, esbocam-se os impérios, diluem-se as idéias, passam os

homens: só o espírito fica... Sim, vivido e luminoso há de perdurar eternamente na recordação dos pósteros o espírito dos que foram bons, dos que foram puros.

Imarcessível há de ficar a memória de quem, mais do que a própria vida, amou a pureza e a sublimidade de um Ideal!

E, lá em baixo, na planície a Faculdade de Medicina, de que êle foi o consolidador, aqui, no topo da colina, êste monumento, dada sua mudém, atestarem aos contemporaneos e ás gerações futuras a de seus amigos, entrelaçam-se e identificam-se, para, na eloquência de grandeza de uma vida, a imensidão de um sacrifício!

Recebendo êste mausoléu em nome da Família Professor Sarmiento Leite, agradeço a todos quantos generosamente contribuíram para transformar em realidade a iniciativa sonhada e idealizada pelo prezado amigo e ilustre coléga Prof. Paglioli, discípulo dileto de meu pai. — Disse”.

A' noite, realizou-se no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, a sessão solene promovida pelo Centro Acadêmico de Medicina Sarmiento Leite, tendo falado vários oradores.

AOS NOSSOS COLEGAS E AOS NOSSOS CLIENTES

COMUNICAMOS QUE O

“LABORATORIO WALDEMAR CASTRO”

DE NOSSA PROPRIEDADE E SOB NOSSA
DIREÇÃO DESDE AGOSTO DE 1934,

PASSARA' A DENOMINAR-SE

A PARTIR DO DIA 27 DO CORRENTE

“LABORATORIO FAILLACE-CARRION”

(ANDRADAS 1428, ao lado da Liv. do Globo)

Porto Alegre, 21 de Dezembro de 1938

Dr. J. Maya Faillace

Dr. Carlos M. Carrion